



FILOSOFIA CLÍNICA E AS BASES FILOSÓFICAS DO TÓPICO 1 E OS EXAMES CATEGORIAIS

CLINICAL PHILOSOPHY AND THE PHILOSOPHICAL BASES OF TOPIC 1 AND THE CATEGORICAL EXAMS

Lúlia Paula Peixoto de Campos Brum*

RESUMO

O que move esta pesquisa é o desejo pessoal da observadora-pesquisadora compreender a diversidade de perspectivas possíveis de um ser humano sobre a mesma situação. Para tanto este artigo se valeu de um estudo bibliográfico sobre as bases filosóficas utilizadas por Lúcio Packter, realizado com a utilização do método fenomenológico e de método de procedimento comparativo, tendo como objetivo apresentar um breve panorama de como Lúcio Packter, José Maurício de Carvalho, Margarida Nichele Di Paulo, Mariza Z. Niederauer, Miguel Silva, Everson Nauroski, Monica Aiub, Adalberto Tripicchio, Ana Cecília Correia Lima Tripicchio e Mário Luiz Pardal explicam o tópico 1 – como o mundo me parece – e os exames categoriais, termos utilizados na práxis da Filosofia Clínica.

Palavras-Chave: tópico 1; base filosófica; exames categoriais.

ABSTRACT

What drives this research is the observer-researcher personal desire for understanding the variety of possible perspectives of one person on one and the same situation. To this end, the article is based on a bibliographical study of the philosophical basis used by Lúcio Packter, carried out using phenomenological and comparative methods, with the aim of providing a brief overview of how Lúcio Packter, José Maurício de Carvalho, Margarida Nichele Di Paulo, Mariza Z. Niederauer, Miguel Silva, Everson Nauroski, Monica Aiub, Adalberto Tripicchio, Ana Cecília Correia Lima Tripicchio and Mário Luiz Pardal explain topic 1 - what the world seems to me - and categorical exams, terms that are used in the Clinical Philosophy practice.

Keywords: topic 1; philosophical basis; categorical exams.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é apresentar um compilado do que Lúcio Packter se baseou para conceituar o tópico 1 e os exames categoriais no estudo da estrutura de pensamento de uma pessoa. Para tanto, valeu-se de um recorte sobre seus escritos nas obras Caderno A e B, Filosofia Clínica – Propedêutica e Introdução à Filosofia Clínica e Filosofia Aplicada: avaliação e fundamentações, sendo essa última obra escrita em conjunto com José Barrientos Rastrojo e José Maurício de Carvalho. Os autores José Maurício de Carvalho, Margarida Nichele di Paulo, Mariza Zambom Niederauer, Everson A. Nauroski, Monica Aiub, Adalberto Tripicchio, Ana Cecília Correia Lima Tripicchio, Mário Luiz Pardal e Miguel Silva, contribuíram ao comentarem as bases filosóficas utilizadas por Lúcio Packter.



O tópico 1 da estrutura de pensamento coincide com os exames categoriais? O mundo que afeta o partilhante é o mesmo mundo onde o partilhante vive? Ou o mundo onde o partilhante vive o afeta? Como esses mundos se interagem? Há semelhanças e/ou diferenças desses mundos percebidas pelo partilhantes? A análise do tópico 1 – como o mundo me parece¹ e os exames categoriais dará ao filósofo clínico um conhecimento sobre como o partilhante interage no mundo percebido pelo mesmo e o mundo que não é percebido, porém existe num consenso. Com isso, o filósofo clínico imbuído da alteridade, analisa se a verdade narrada é adequada a Estrutura de Pensamento do partilhante, conciliando os prováveis choques entre os tópicos causadores das dores existenciais.

As pessoas usam seus critérios subjetivos para vivenciar as coisas. A ideia de uma pessoa pode ser certa ou errada, verdadeira ou mentirosa, justa ou injusta, moral ou imoral etc., tudo em relação a uma percepção própria das coisas.

A primeira lição fundamental na Filosofia Clínica é que aquilo que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz – isso é assim para ela -, independente de ser compartilhado com as outras pessoas, de ser aceito, criticado, ironizado, proibido e assim por diante. (Packter, 2001, p. 50).

Sendo assim, há dois tipos básicos de verdade em Filosofia Clínica, aquela que habita o ser e, a verdade convencional, consensual, estabelecida em conjunto por todas as pessoas. A verdade subjetiva pode ter interseção positiva ou negativa com a verdade convencional. Então, como alerta Packter no Caderno B “... mesmo que cada um tenha uma verdade própria, isso não quer dizer que a pessoa tenha o direito de fazer aquilo que lhe dá vontade sem ter de prestar contas por isso.” (p. 8)

A cada pessoa que poderá mensurar o que vive, mesmo que adote medidas de mensuração de outra pessoa. Esse fenômeno em Filosofia Clínica ocorre quando uma

¹ Neste e noutros trabalhos de nossa autoria, utilizamos a nomenclatura ‘como o mundo **me** parece’ para caracterizar o tópico 1, onde que o pronome oblíquo átono ‘me’ – significando ‘para mim’ – indica neste tópico o processo das estruturas lógicas internas da pessoa, do (da) partilhante, quando ela está se expressando, em suas representações, a respeito do mundo, fenomenologicamente, ou seja, conforme o que e como é desvelado, ou ainda, manifestado à pessoa, ao sujeito, a partir dos dados da narrativa da própria pessoa em sua singularidade. Em outras obras de filósofos clínicos o leitor encontrará formas de apresentar a nomenclatura do tópico 1, que em geral estão descritas sem o pronome da Língua Portuguesa ‘me’, isto é, por meio das indicações ‘como o mundo parece’ e ‘como o mundo parece (fenomenologicamente)’, algumas vezes com este advérbio entre parênteses, e em outras seguidamente após a primeira parte. Estas observações também são importantes no sentido dos autores, quando forem organizar as traduções de seus textos sobre o tema para outros idiomas. Em nosso caso, na tradução para a Língua Inglesa, optamos pela nomenclatura *what the world seems to me*, preservando o sentido mais pessoal do termo.



pessoa utiliza parâmetros de representação de uma outra pessoa para formar a sua própria representação. Há também o exemplo quando alguém se utilizando da representação de mundo de um autor de uma obra para definir a sua própria representação de mundo.

A observação da base categorial no estudo dos exames categoriais, na construção das representações do partilhante, são de grande importância para que o filósofo clínico possa no planejamento clínico utilizar-se da percepção construída pela pessoa com o objetivo de aumentar, diminuir ou extinguir esta percepção. Portanto, os tópicos conflitantes serão adequados à malha intelectual do partilhante.

Na colheita da Historicidade é onde encontramos as percepções e os conflitos dos tópicos da Estrutura de Pensamento do partilhante. E com base no estudo dos Exames Categoriais podemos pesquisar a formação das representações contidas nas lembranças da pessoa.

Este trabalho tem o intuito de apresentar quais as bases filosóficas usadas por Lúcio Packter para conceitualizar os mesmos dentro da Filosofia Clínica. O método indutivo será utilizado quando esta pesquisa tratar as diferenças entre o tópico 1 e os exames categoriais. E estas serão utilizadas para justificar as diferenças e consequências assimiladas pela pessoa.

Monica Aiub cita que o objetivo da Filosofia Clínica “[...] surge como uma retomada do papel originário da filosofia – [...]”, que consiste em “[...] refletir sobre as questões cotidianas, usar nossas capacidades de compreensão para encontrar as melhores formas para lidar com nossos problemas (2010, p. 7).

O método científico utilizado nesse trabalho é o método fenomenológico. Que busca apresentar os dados relatados nas obras de Filosofia Clínica. Algumas obras escritas pelo próprio Lúcio Packter e por outros filósofos clínicos que atuam em clínica, sobre qual a base filosófica utilizada por Lúcio Packter ao pensar o que seriam os exames categoriais e o tópico 1 – como o mundo me parece da estrutura de pensamento de uma pessoa.

O método de procedimento é o comparativo, pois traz as visões e comentários de diversos autores de Filosofia Clínica sobre a base filosófica utilizada por Lúcio Packter ao sistematizar a Filosofia Clínica, com relação ao tópico 1 – como o mundo parece da Estrutura de Pensamento e os Exames Categoriais.



Do ponto de vista da sua natureza, o trabalho final, que será uma dissertação de mestrado o qual esse artigo fará parte, é uma pesquisa aplicada² que tem o intuito de levar o conhecimento aqui copilado à prática da Filosofia Clínica. Do ponto de vista de seus objetivos, essa pesquisa é descritiva, visto que esta registra e analisa os dados sem nenhuma interferência do pesquisador³.

Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é bibliográfica⁴, pois é elaborada a partir de conteúdos de livros e escritos de autoria de Lúcio Packter e, também obras publicadas de outros filósofos clínicos que citam a base filosófica utilizada por Lúcio Packter.

Este trabalho contribui para o estudo na Filosofia Clínica da Estrutura de Pensamento da pessoa com ênfase no tópico 01 (como o mundo me parece) relacionado as bases categoriais tempo e lugar e, aos exames categoriais: assunto, circunstância, lugar, tempo e relação. As verdades convencionadas serão comparadas com as verdades subjetivas do partilhante, num mundo como representação.

2 BASES FILOSÓFICAS DO TÓPICO 1 E DOS EXAMES CATEGORIAIS

2.1. VISÃO DE LÚCIO PACKTER

Na Filosofia Clínica cada pessoa tem um mundo individual como representação. Daí a importância da escuta da autobiografia da pessoa, para que se possa perceber as verdades subjetivas dela. Portanto, o filósofo clínico deverá respeitar os critérios que a pessoa se utiliza para contar sua vida.

Lúcio Packter foi quem desenvolveu a Filosofia Clínica em meados da década de 80, após uma inquietação pessoal em observar que muitas dores existenciais das pessoas não eram vistas ou ajudadas mediante às teorias ou métodos terapêuticos existentes. Essa foi a mola propulsora que fez com que Packter buscasse uma metodologia que enxergasse a pessoa na sua singularidade e a partir da mínima subjetividade do terapeuta, o que chamamos de alteridade, pudesse auxiliar a pessoa a extinguir, diminuir ou ressignificar suas dores ou questões existenciais.

² “Pesquisa aplicada: objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. (Prodanov, 2013. p. 51)

³ *Ibid.*, p. 52.

⁴ *Ibid.*, p. 54.



Nessa sistematização, Lúcio Packter nos apresenta uma estrutura de pensamento⁵ composta por tópicos e submodos, onde esses se interligam com múltiplas possibilidades. Nesse trabalho iremos apresentar as bases filosóficas usadas por Packter para constituir o tópico 1 e os exames categoriais⁶.

Num primeiro momento apresentaremos como Lúcio Packter pensou sobre o tópico 1 – como o mundo me parece, na Filosofia Clínica, através de suas obras escritas.

No Caderno A, Lúcio Packter nos informa que a Filosofia Clínica inicia com Protágoras em Schopenhauer, atualizado. Essa informação já nos apresenta onde Lúcio Packter partiu para pensar o tópico 1, que também é mencionada no Caderno B.

Ao lermos o Caderno B, podemos observar que Lúcio faz uma citação de Schopenhauer para nos apresentar qual era o pensamento desse filósofo sobre a sua representação de mundo:

O mundo é representação minha... quando o homem adquire essa consciência... então sabe com clara certeza que não conhece o sol nem a terra, mas somente que tem um olho que vê o sol e uma mão que sente o contato da terra: sabe que o mundo circunstante só existe como representação, isto é, sempre e somente em relação com o outro ser, com o ser que o percebe, com ele mesmo... Tudo o que o mundo inclui ou pode incluir é inegavelmente dependente do sujeito, não existindo senão para o sujeito. O mundo é representação. (Packter, Caderno B, p. 16).

Ainda no Caderno B (p. 11), Packter cita as Antologias de Protágoras, com o objetivo de nos apresentar o pensamento humano de forma singular, onde a pessoa percebe o mundo e as coisas de forma subjetiva: **“O homem é a medida de todas as coisas daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são.”**

Nessa mesma obra, Packter cita como é antiga a busca de entendimento sobre o que é o mundo:

O primeiro ensinamento fundamental para o clínico é quase um achado arqueológico que se reporta à velha Atenas do Período Clássico, quando artistas e filósofos pontilhavam em suas ruas, após Tales de Mileto ter rompido com as crenças mitológicas politeístas um século antes.” (Caderno B, p. 10)

⁵ Estrutura de Pensamento de acordo com Lúcio Packter na obra Caderno A (2020, p. 31) “é o modo como a pessoa está existencialmente no ambiente.”

⁶ Na obra Caderno A Lúcio Packter (2020, p. 23) nos informa que “[...] Explorando as cinco Categorias (Assunto, Circunstância, lugar, Tempo e Relação), o filósofo forma um conceito bem estruturado do mundo da outra pessoa: uma representação para si mesmo da representação do outro.”



Packter também nos apresenta que outras iconoclastias sobre o subjetivismo e o relativismo do homem estarão presente em outros filósofos, tais quais: Kant, Goethe, Schopenhauer, Nietzsche, Karl Popper, e outros. Nessa apresentação há uma intenção de fundamentar que a representação de mundo é única de cada pessoa e, é uma perspectiva particular o que dá a ela um caráter de relatividade ao se comparar a representação de mundo entre pessoas diferentes.

Todos esses filósofos serão observados no estudo do tópico 1 – como o mundo me parece. Lembrando que este tópico não deve ser considerado isoladamente, pois ele só tem vida se estiver relacionado consigo mesmo ou com outro tópico da Estrutura de Pensamento do partilhante.

No Caderno B, Lúcio cita a ideia de medida⁷ de alguns filósofos, onde ele correlaciona que o pensamento do filósofo espelha não uma universalidade, mas como é assim para o pensador:

O caráter do homem é formado pelas pessoas que escolheu para conviver. (Eurípedes)
O céu nunca ajuda o que não se mexer. (Sófocles)
Educai as crianças e não será necessário castigar os homens. (Pitágoras)
Não se desce duas vezes o mesmo rio. (Heráclito)
Não faças muitas coisas, se queres viver tranquilo. (Demócrito)
A vitória sobre si mesmo é a maior das vitórias. (Platão)
Ama-se mais o que se conquista com esforço. (Aristóteles)
A vida é breve, a arte é perene. (Hipócrates)
Retira-te dentro de ti mesmo, sobretudo quando necessitares de companhia. (Epicuro)
Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses. (inscrição do Templo de Delfos)
(Packter, Caderno B, p. 15)

Seguindo a intenção de apresentar ainda a base filosófica utilizada por Lúcio Packter para embasar o tópico 1 – como o mundo parece, na obra ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’ (p. 4), há também a citação do ensinamento de Protágoras, onde o homem é a medida de todas as coisas. E esse é um critério usado para vivenciar as coisas que estão relacionados a essa ideia. Na Filosofia Clínica aquilo o que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina ou faz, é assim para ela. O que inclui o pensamento de Schopenhauer que ensinou que “o mundo é uma representação minha”.⁸

⁷ A ideia de medida é como a pessoa entende ou usa como critério de parâmetro sobre aquilo que reflete.

⁸ A Filosofia Clínica busca entender o ser humano a partir de suas singularidades, por isso a importância de entender que aquilo que é relatado pelo partilhante é assim para ele. E ao filósofo clínico basta escutar os relatos dos partilhantes sem julgamentos.



Nessa mesma obra ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’ (p. 7-8), Lúcio questiona sobre a verdade com relação a fala/relato do partilhante e a verdade convencionada por uma sociedade ou pelo mesmo filósofo clínico. Bem, o que o filósofo clínico deve observar é que o mundo contado e percebido pelo partilhante, isto é, a verdade sobre o mundo em questão, é o mundo da pessoa e, por isso, é a verdade que habita aquele ser. A verdade convencionada pode ou não se associar, colidir, negar, aumentar, refletir e, evitar a verdade subjetiva de uma pessoa.

Na análise das obras acima citadas, Caderno A e B, e de ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’, verificamos que Packter compreende o tópico 1 – como o mundo me parece, observando que a representação de mundo de uma pessoa é formada por uma visão muito própria de cada pessoa que leva em consideração em como ela se relaciona com o mundo a sua volta, quais critérios ou medidas ela utiliza para formar julgamentos e prioridades para ganhar direcionar o seu olhar e, como suas verdades subjetivas são formadas. Desta feita, o filósofo clínico ao coletar essa percepção de mundo da pessoa poderá verificar como o mundo pode ter várias representações e que estas serão únicas de cada pessoa.

A fundamentação teórica que baseou Lúcio Packter para nos apresentar os exames categoriais estão contidas nos estudos de Aristóteles, Wittgenstein, Maurice Merleau-Ponty, Michel Serres, Husserl, Berkeley, Schopenhauer, Kant e Protágoras. Lúcio se utiliza desses pensadores de forma bem particular, usando de suas fundamentações, porém não se limitando a elas⁹.

O pensador Aristóteles desenvolveu 10 categorias que servem como parâmetros para quaisquer pesquisas: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, atividade, passividade.

A Filosofia Clínica adaptou essas categorias com o objetivo de localizar existencialmente a pessoa. Com base nos exames categoriais, o filósofo clínico poderá fazer a análise se há interseção entre as 5 categorias, sejam essas: assunto, lugar, tempo, circunstância e relação.

⁹ Nesse caso podemos afirmar que apesar do Lúcio Packter se utilizar de conceitos, nomenclaturas e teorias de vários pensadores, a Filosofia Clínica terá sua própria significação dos termos. Portanto, há o cuidado de não se confundir que apesar de um termo ou palavra serem encontrados em teorias filosóficas, não quer dizer que tenham a mesma significação. Então, torna-se imprescindível compreender que as adequações feitas por Lúcio Packter assim as são para a Filosofia Clínica.



Na colheita dos exames categoriais, o filósofo clínico buscará saber qual questão ou questões a pessoa lidou ou lidava à época (assunto); qual o contexto em torno dessas questões e quais os aspectos relevantes desse contexto (circunstância); como a pessoa vivia e sensorialmente em seu meio (lugar); como era o tempo para a pessoa: era curto, longo, fragmentado, insignificante (tempo); quais os tipos de relacionamentos (relação).

No estudo dos exames categoriais, Lúcio usou uma derivação do modelo metafísico aristotélico, conforme explana no Caderno A (p. 23). Nessa mesma obra, Packter nos alerta que na categoria assunto observemos o jogo comunicativo em curso, que é uma ampliação dos ‘jogos linguísticos’ de Wittgenstein: **“Para Wittgenstein, a linguagem é uma soma de jogos de linguagem e o significado de uma palavra está em seu uso.”** (p. 42)

Na categoria lugar, Lúcio cita Maurice Merleau-Ponty na sua Fenomenologia da Percepção, onde estabelece a clareza em nós e fora de nós, isto é, a noção que o sujeito só é o que pensa ser (p. 52). Portanto, quando o filósofo clínico estiver estudando a categoria lugar, deve considerar que o corpo da pessoa é o somatório de seus modos de existência (p. 54).

Packter também se utiliza de Michel Serres na categoria lugar para explicar que em linguagem, que quando as pessoas falam das coisas do mundo, há um estabelecimento de um contrato.

Na categoria circunstância, Lúcio fala da forma como a pessoa conta sua história e, usa de Husserl para explicar a necessidade de agendamentos mínimos na colheita da historicidade.

Na categoria tempo, Lúcio utiliza-se de Berkeley para explicar que o tempo considerado em Filosofia Clínica é o que a pessoa tem representado em si mesma (p. 59).

Na categoria relação, Lúcio usa a representação de Schopenhauer para explicar que a pessoa ao viver, cria um modo subjetivo de se relacionar com as coisas e com ela mesma (p. 64).

Na obra ‘Filosofia Clínica – Propedêutica’ (p. 13), Lúcio cita que a Filosofia Clínica se utiliza, de forma modificada e adaptadas à clínica, das categorias desenvolvidas por Aristóteles e depois retomada por Kant, com o objetivo de localizar existencialmente a pessoa através do estudo de sua autobiografia, que em Filosofia Clínica damos o nome de historicidade. Quando é solicitado à pessoa que faça um relato sobre sua autobiografia há a possibilidade de afrontarmos a forma como a pessoa entende as coisas de acordo



com Protágoras, pois a pessoa pode entender que a sua história não tem relação com os seus problemas do presente. E ao filósofo clínico cabe entender essa objeção como o jeito de ser dessa pessoa.

Packter, no prefácio do livro ‘Diálogos em Filosofia Clínica’ (p. 10), de José Maurício de Carvalho, afirma que a fenomenologia de Husserl tem muito a contribuir para os estudos dos exames categoriais.

Finalmente, podemos novamente observar que Lúcio Packter se utilizou de diversas teorias filosóficas para pensar os exames categoriais, mas não se limitou a definição construída por nenhuma dessas teorias. A filosofia clínica é um estudo em constante construção, assim como é propagado por Lúcio Packter. Portanto, se limitar a uma teoria filosófica A ou B seria desconsiderar que a estrutura de pensamento de uma pessoa não é estática e imutável e, sim essa estrutura de pensamento é a localização existencial da pessoa naquele momento.

2.2 COMENTÁRIOS DE MARGARIDA NICHELE DI PAULO E MARIZA ZAMBOM NIEDERAUER

Na obra ‘Compêndio de Filosofia Clínica’ (1999), a autora e filósofa clínica Margarida Nichele Di Paulo faz uma referência a Lúcio Packter¹⁰, onde diz que a Filosofia Clínica, ao iniciar com a historicidade, começa, portanto, com o logicismo formal e permanece nele com os Exames Categoriais, Divisão e Estrutura de Pensamento. Essa lógica formal aristotélica é importante para que se possa observar o raciocínio da pessoa na escuta. Depois vem a fenomenologia, empirismo, epistemologia, analítica da linguagem e matemática simbólica.

Já no capítulo 2 – Fundamentação Teórica, Margarida explica que a Filosofia Clínica faz o uso adaptado do método historicista de Dilthey, pelo fato da pessoa¹¹ relatar sua vivência através dos fatos históricos que aconteceram num tempo e num espaço histórico.

A Filosofia Clínica também faz uso adaptado do método fenomenológico de Husserl, pois ela investiga o que aparece, sem interpretações, isto é, com um mínimo possível de interferência.

¹⁰ Essa referência é encontrada na página 18, logo no capítulo 1 – Lógica Formal.

¹¹ A pessoa atendida em Filosofia Clínica recebe o nome de partilhante.



O método empirista de John Locke e Berkeley é também usado na Filosofia Clínica, pois essa edifica sua Estrutura de Pensamento na experiência.

A epistemologia, que é o estudo da ciência, está presente na Filosofia Clínica. Na Filosofia Clínica há a interseção do conhecimento entre o filósofo clínico e o partilhante.

Com relação ao método da analítica da linguagem, a autora se posiciona da seguinte forma:

A Filosofia Clínica faz uso da Analítica da Linguagem, principalmente com Wittgenstein, nos “jogos de linguagem”, em que “o sentido da palavra está no seu uso”. Com Austin, a linguagem ordinária. Com Searle, a intencionalidade, entre outros. (Paulo, 1999, p. 21).

Margarida Nichele Di Paulo, na obra ‘Primeiros Passos em Filosofia Clínica’, apresenta-nos que o método histórico é utilizado na Filosofia Clínica na colheita dos Exames Categóricos, no estudo e montagem da Estrutura de Pensamento e, no uso dos submodos.

Nos Exames Categóricos, o filósofo clínico irá conhecer os dados históricos que mostrarão os saltos lógicos e temporais e, através da Divisão¹² se buscará preencher as lacunas existentes.

Os Exames Categóricos na Filosofia Clínica se utilizam do significado de categorias de Aristóteles e Kant de forma adaptada por Lúcio Packter para o uso clínico. Através desse levantamento histórico, o filósofo clínico irá acompanhar o desenvolvimento da estruturação do partilhante, desde a sua mais remota lembrança. Porém, apesar de ter uma sequência lógica, advinda das categorias de Aristóteles, e o filósofo clínico estudar o modo como a atividade do intelecto se manifesta com fundamentação teórica das categorias de Kant, há na Filosofia Clínica uma preocupação de colher os Exames Categóricos com agendamentos mínimos¹³.

Anos depois, por meio do livro ‘Compêndio de Filosofia Clínica – Caso Nina’, M. N. Paulo e a filósofa clínica M. Z. Niederauer retomam a explanação de Lúcio Packter (2013, p. 101), onde as categorias no estudo dos exames categóricos têm origem

¹² Aiub (*apud* Paulo; Niederauer, 2013, p. 47) escreve sobre a Divisão em artigo intitulado ‘A Filosofia no Consultório’, publicado em 2006 na revista **Filosofia, Ciência & Vida**, Ano I, n. 1, da Editora Escala, sendo o procedimento “em que são feitas correções e aquisições de mais dados, pois ao contar a história, o Partilhante poderá optar por uma linha de raciocínio, deixando de lado muitos outros elementos vividos. O procedimento divisório é repetido inúmeras vezes, até que não surjam novos dados”.

¹³ “[...] Um procedimento denominado agendamento mínimo, devido ao filósofo clínico agendar o mínimo de temas ou influências, ditas ou implícitas, a fim de não direcionar a fala da pessoa que partilha enquanto ele a escuta.” (Goya, 2020, p. 97).



aristotélico-kantianas e que foram adaptadas à clínica. Essa informação nos é apresentada de forma muito sucinta, onde o enfoque da obra é nos apresentar a Filosofia Clínica em sua realidade de consultório, contribuindo com o leitor no conhecimento desse processo terapêutico. As autoras já nos advertem que a Filosofia Clínica se constrói a partir das vivências e, portanto, está em constante construção.

A dedução a que chegamos através das pesquisas realizadas na busca de obras que trouxessem as bases filosóficas da Filosofia Clínica é de que o conhecimento da fundamentação filosófica usada na formulação da Filosofia Clínica não desempenha um critério primordial no entendimento da práxis da Filosofia Clínica.

O conhecimento da origem do pensamento de Lúcio Packter tem importância singular, mas não é uma premissa para o desempenho do filósofo clínico, haja vista que não é obrigatória a graduação em Filosofia para que uma pessoa se qualifique como filósofo clínico.

2.3 VISÃO DE MIGUEL SILVA E EVERSON A. NAUROSKI

Miguel Silva, na obra ‘Diálogos: filosofia grega & Filosofia Clínica’ (p. 16), informa-nos sobre a base filosófica do tópico 1 – como o mundo parece quando nos recorda que Lúcio Packter reproduz o pensamento grego onde há vinte e cinco séculos os filósofos se indagam sobre o que percebem é de fato a verdade. E o tópico 1 – como o mundo me parece reproduz a preocupação da filosofia grega sobre as cidades, o país, a metafísica, as situações geográficas, as crenças regionais etc. O outro autor da mesma obra (p. 27), Everson A. Nauroski reforça a base filosófica de Protágoras para a construção do tópico 1 – como o mundo me parece.

Na mesma obra (p. 15), Miguel Silva também nos apresenta a base filosófica dos Exames Categóricos quando diz que temos “[...] **uma síntese entre as categorias aristotélicas (enquanto modo de ser), as categorias kantianas (enquanto modos de funcionamento do pensamento) e as categorias em Filosofia Clínica (enquanto localização existencial do indivíduo)**”. O mesmo autor nos lembra que as categorias em Filosofia Clínica são uma adaptação¹⁴ das teorias de M. Heidegger, W. Dilthey, F. Schleiermacher, J. Ortega y Gasset, L. Wittgenstein, M. Merleau-Ponty, M. Serres, G. Cantor, etc.

¹⁴ A adaptação das teorias filosóficas foi feita por Lúcio Packter para que tivessem aplicabilidade em clínica.



2.4 COMPILAÇÃO DAS OBRAS DE JOSÉ MAURÍCIO DE CARVALHO

Aqui estamos diante de um dos filósofos clínicos que mais produziu e comentou sobre a Filosofia Clínica, onde escreveu várias obras apresentando a visão de Lúcio Packter e também deixando suas próprias percepções sobre a correlação de algumas teorias filosóficas para o entendimento da Filosofia Clínica.

Na obra ‘Introdução à Filosofia Clínica e Filosofia Aplicada: Avaliações e Fundamentações’ (p. 121), José Maurício de Carvalho traça uma relação, assim como Lúcio Packter, entre o tópico 1 – como o mundo me parece – com Ortega y Gasset. O tópico 1 é conceitualizado como a pessoa entende seu entorno e, para Ortega y Gasset o homem é tratado como uma consciência vinculada a sua circunstância que é tudo que envolve o ‘eu’. Portanto, o conceito orteguiano condiz com o modo como o mundo surge fenomenologicamente na consciência da pessoa¹⁵.

Na obra ‘Estudos de Filosofia Clínica: uma abordagem fenomenológica’ (p. 166), José Maurício de Carvalho comenta que Lúcio Packter utilizou-se de teorias filosóficas de origem grega que explicam a relação entre a consciência e as coisas com base no relativismo subjetivista. Dentre essas teorias, cita Kant na relação do mundo com a consciência denominada fenômeno e, Platão na concepção que as ideias não vêm do mundo que percebemos, mas sim que se originam em outro plano e são transportadas para a consciência. Além de Hegel onde a consciência é histórica, fazendo uma jornada temporal articulando o conhecimento.

No livro ‘Diálogos em Filosofia Clínica’ (p. 33 e 34), José Maurício traça também a correlação do conceito do tópico 1 – como o mundo me parece com os estudos de Karl Jaspers, onde esse filósofo constata que a visão filosófica de mundo afeta a forma como o indivíduo se comporta. Ademais, o tópico 1 ao ser importante e/ou determinante na estrutura de pensamento do partilhante, o seu estudo procura verificar como cada pessoa pensa o mundo e como isso afeta a sua dinâmica psíquica¹⁶. O autor lembra que embora Lúcio Packter se refira a Schopenhauer e Kant para explicar como o modo de perceber o mundo chega à consciência, o entendimento de mundo de uma pessoa para a Filosofia

¹⁵ Cabe aqui enfatizar que os tópicos da Estrutura de Pensamento de uma pessoa só têm sentido na sua historicidade e, no estudo e análise desses tópicos, o filósofo clínico deverá sempre os inserir nos Exames Categoriais (Assunto, Circunstância, Lugar, Tempo e Relação).

¹⁶ O simples fenômeno, a aparição de um tópico, não significa que esse tópico seja importante ou determinante. O filósofo clínico deverá verificar a existência dos tópicos no assunto último e as tendências de sua aparição na historicidade.



Clínica vai além do que os dois filósofos trataram por representação. Para a Filosofia Clínica a concepção de mundo do sujeito sempre tem algo do próprio sujeito e é influenciado pela sua história de vida. Já Edmund Husserl e Ortega y Gasset tratam da maneira como cada pessoa pensa o mundo, assim como pretende Lúcio Packter.

Ortega y Gasset, de acordo com José Maurício, na obra acima citada (p. 43), “[...] **reconhece como Lúcio Packter que nem sempre as considerações sobre o mundo são fundamentais para a pessoa, ou que isto é importante apenas para alguns.** [...]”. E por essa explicação devemos entender que nós teremos todos ou quase todos os tópicos da Estrutura de Pensamento, todavia o filósofo clínico deverá verificar se o tópico a ser analisado é importante ou determinante na malha intelectual do partilhante.

José Maurício nos apresenta que a própria cultura é uma projeção de valores humanos sobre o mundo natural, modificando-o (p. 70). Desta feita relata que o filósofo Karl Jaspers diz que a imagem de mundo de uma pessoa é a totalidade dos conteúdos objetivos dela mesma, limitando assim a compreensão de mundo desse sujeito. A Filosofia Clínica concorda com Jaspers e, essa representação de mundo irá afetar o indivíduo de modo diverso conforme combine com outros tópicos da sua estrutura de pensamento¹⁷.

Ademais, o filósofo clínico aprende com Jaspers, Kant e Ortega y Gasset as semelhanças e diferenças entre as diferentes concepções de mundo¹⁸.

No livro ‘Filosofia Clínica e Humanismo’ (p. 27), José Maurício de Carvalho explica que Lúcio Packter entende que o mundo percebido pelas pessoas está contido de verdades não subjetivas, pois o mundo social tem regras para serem seguidas independente da vontade das pessoas e, essa é uma característica do Humanismo. Nessa informação observamos a importância de levarmos em consideração na clínica as bases categoriais, que nada mais são do que o lugar e o tempo em que a pessoa se localiza existencialmente, independente do relato e/ou percepção dessa mesma pessoa¹⁹.

Na colheita da historicidade de uma pessoa é possível conhecer como essa pessoa sente e pensa diante do levantamento dos costumes, regras e leis do seu grupo e, como

¹⁷ Nessa análise o filósofo clínico deverá também verificar os Exames Categoriais, com o objetivo de conhecer a autogenia dos tópicos em relação aos Exames Categoriais.

¹⁸ Na Filosofia Clínica a pessoa é vista como um ser singular, onde é possível se ter diversas representações de mundo.

¹⁹ Nesse caso, leva-se em consideração o senso comum da época a ser vivida pela pessoa.



esse se relaciona com seus membros e, nesse ponto estamos analisando a categoria circunstância e relação dos exames categoriais.

Na obra ‘Diálogos em Filosofia Clínica’, José Maurício nos adverte que circunstância, que é uma das categorias dos exames categoriais, não corresponde exatamente ao conceito dado por Ortega y Gasset. Pois para esse filósofo (p. 46) “[...] **eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela, não salvo também a mim.**” A categoria circunstância independe da consciência do partilhante, porém ela é colhida na historicidade do partilhante.

Na obra ‘Subjetividade e Corporalidade na Filosofia e na Psicologia’, José Maurício (p. 34) lembra que as categorias são predicados do ser, como dito por Aristóteles, e nesse caso o Lúcio Packter usa o conceito pensado por Edmund Husserl, pois as categorias fornecem uma compreensão do modo de estar no mundo das pessoas com base nas suas interseções.

Na categoria lugar (p. 36) o corpo, de acordo com Lúcio Packter, se baseia em Maurice Merleau-Ponty porque esse corpo é entendido de forma ampliada como corporalidade e não como corpo anatômico.

2.5 VISÃO DE MÁRIO LUIZ PARDAL

Mário Luiz cita na sua obra ‘Filosofia como Terapia – Uma Introdução ao Estudo da Filosofia Clínica’ (2001) que na Filosofia Clínica há o mesmo método de construção do objeto proposto por Kant, que parte das categorias e dos fenômenos (historicidade e existencialidade) para se chegar na Estrutura de Pensamento²⁰.

Em outros trechos da obra, o autor cita Aristóteles, Wittgenstein e Ryle como pensadores que fundamentam o conceito das categorias para o estudo dos Exames Categoriais.

Na fundamentação filosófica do tópico 1 – como o mundo parece, Pardal cita Schopenhauer, Husserl, Bérghson e Searle. Na citação sobre Schopenhauer, diz que este pensador que embasa a Filosofia Clínica com a representação de mundo individualizada e não globalizada. Esse pensador sentencia que “**o mundo é representação minha**”. Desta forma, para a Filosofia Clínica cada pessoa terá uma representação de mundo singular.

²⁰ Pardal, 2001. p.37



O autor diz que o filósofo clínico deverá trabalhar com a seguinte representação de mundo: **“Como cada coisa aparece para mim, assim ela é para mim; como cada coisa aparece para ti, assim ela é para ti”**²¹.

2.6 COMENTÁRIOS DE MONICA AIUB

Na obra ‘Como Ler a Filosofia Clínica: Prática da Autonomia do Pensamento’ (2010), Monica Aiub faz uma análise com relação as categorias aristotélicas que correspondem aos predicados do ser – tantos predicados quanto os tipos de perguntas que podemos fazer sobre o ser; e, as categorias kantianas que permitem organizar os dados advindos da experiência sensível; e estas foram usadas por Packter para propor os Exames Categorias²².

Na categoria Circunstância há uma base filosófica em Ortega y Gasset, onde a Monica Aiub cita um trecho da obra *Meditações do Quixote* de Ortega y Gasset: **“Eu sou eu e minha circunstância; e se não salvo a ela, não me salvo eu”**²³. E essa referência explica a categoria circunstância, o partilhante modifica a si mesmo; e, também se verifica que quando o partilhante se modifica, isso provoca modificações no entorno.

Na categoria Lugar que tem o sentido proposto por Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*: o corpo próprio. Nessa categoria o filósofo clínico irá estudar o lugar existencial do partilhante, que poderá ou não coincidir com a localização geográfica dele.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução dessa pesquisa traz a discussão da verdade subjetiva e a verdade convencional. Onde se busca entender que os fatos narrados em terapia têm sua veracidade pautada no julgamento de quem os conta. Com isso, o filósofo clínico imbuído da alteridade, analisa se a verdade narrada é adequada a Estrutura de Pensamento do partilhante, conciliando os prováveis choques entre os tópicos causadores das dores existenciais.

²¹ *Ibid.*, p. 49.

²² Aiub, 2010. p. 45-46.

²³ *Ibid.*, p. 47.



Para Packter cada pessoa é a medida de todas as coisas de seu próprio mundo (Packter, Caderno B, p. 15). Então, o ser humano enxerga o que seus olhos captam, analisa o que o cérebro pensa, sente o que seu corpo percebe e, assim o mundo que o é vivido é a representação do que a sua percepção constrói. Portanto, conhecer alguém não é só obter informações sobre ela, e sim escutá-la na sua historicidade, considerando sua vivência tal qual foi percebida e narrada por ela.

Os pensadores que ajudaram a complementar meu entendimento com relação a representação de mundo de uma pessoa, foram Erich Fromm com relação a alienação e, Roberto Sokolowski com relação a visão de mundo do ‘lado de fora’.

Erich Fromm, na obra ‘Psicanálise da Sociedade Contemporânea’, nos traz o conceito de alienação:

[...] Entendemos por alienação um modo de experiência em que a pessoa se sente como um estranho. Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não se sente como centro de seu mundo, como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as consequências destes transformados em seus senhores, aos quais obedece e aos quais quiçá até adora. A pessoa alienada não tem contato consigo mesma e também não o tem com nenhuma outra pessoa. percebe a si e os demais como são percebidas as coisas; com os sentidos e com o senso comum, mas, ao mesmo tempo, sem relacionar-se produtivamente consigo mesma e com o mundo exterior [...]. (Fromm, 1976, p. 124).

A consciência individual é alienada²⁴ pela consciência de uma época, dando-nos a visão que a percepção humana é influenciada pela história da sociedade a qual se está inserida e vivida. Nesse ponto, observamos as bases categoriais do partilhante.

Robert Sokolowski, na obra Introdução à Fenomenologia, fala que as pessoas que totalizam o mundo, estarão no predicado egocêntrico. Quando se pensa sobre a consciência humana, há a ideia de que vemos o mundo a partir do ‘eu’. Porém, há uma representação de mundo visto do lado de fora. Desta forma, o predicado egocêntrico é a consciência que exista algo anterior a essa consciência, e se observa que a nossa percepção não é absoluta.

Enquanto base categorial, as pessoas não têm uma consciência fenomenológica de mundo. Então, aquilo que se fala sobre o mundo, na verdade se fala do ‘eu’.

Alguém que tem consciência da sua própria ou qualquer outra percepção há, nesse caso, a publicidade da mente.

²⁴ Nesse caso a palavra alienada traz a ideia de que a pessoa se ausenta de perceber o mundo através do próprio “eu” ou através de uma outra pessoa. A pessoa alienada apenas reproduz uma representação sem a sua própria consciência.



Pessoas que duvidam das percepções, isto é, tem consciência filosófica, são pessoas que exercitam a alteridade através do exercício de questões éticas.

Conclui-se que quando o filósofo clínico localiza no partilhante um tópico semelhante ao seu, ele não deverá ficar envaidecido ou enfurecido com essa semelhança e, sim deverá tratar o respeito à perspectiva do outro.

E como uma forma de auxiliar a compreensão do leitor, seja ele estudante de Filosofia Clínica ou já filósofo clínico em seus atendimentos clínicos, foi feita uma compilação do que já foi encontrado sobre as bases filosóficas do tópico 1 – como o mundo me parece e dos exames categoriais.

REFERÊNCIAS

AIUB, Monica. **Como ler a Filosofia Clínica: prática da autonomia do pensamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

CARVALHO, José Maurício de. **Diálogos em filosofia clínica**. São Paulo: FiloCzar, 2013.

CARVALHO, José Maurício de. **Estudos de filosofia clínica: uma abordagem fenomenológica**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

CARVALHO, José Maurício de. **Filosofia Clínica e Humanismo**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

CARVALHO, José Maurício de. **Subjetividade e corporalidade na filosofia clínica e na psicologia: Karl Jaspers, Merleau-Ponty e a filosofia clínica**. São Paulo: FiloCzar, 2014.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. Tradução: L.A. Bahia e Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOYA, Will. **A escuta e o silêncio: a história de Laura – Terapia em Filosofia Clínica**. 4. ed. Porto Alegre: Mikelis, 2020.

NAUROSKI, Everson A, SILVA, Miguel. **Diálogos: filosofia grega & Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2019.

PACKTER, Lúcio. **Caderno A, Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Mikelis, 2020. 67p.

PACKTER, Lúcio. **Caderno B – especialização em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.



PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica** – encarte da obra “Filosofia Clínica – Propedêutica”. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica – Propedêutica**. 3. ed. Florianópolis: Garapuvu, 2001. 176 p.

PACKTER, Lúcio, RASTROJO, José Barrientos, CARVALHO, José Maurício de. **Introdução à filosofia clínica e filosofia aplicada: avaliação e fundamentações**. São Paulo: FiloCzar, 2014.

PARDAL, Mário Luiz. **Filosofia como Terapia – Uma Introdução ao Estudo da Filosofia Clínica**. Campinas/SP: Centro de Filosofia Clínica Campinas/Instituto Packter, 2001.

PAULO, Margarida N. **Compêndio de Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999. 186 p.

PAULO, Margarida N. (Coord. e Org.). **Primeiros Passos em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999.

PAULO, Margarida N.; NIEDERAUER, Mariza Z. **Compêndio de filosofia clínica: caso Nina**. Revisado e Ampliado. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013. 306 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: luliapaula@yahoo.com.br.